



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela
Divisão de Cultura e Educação /
Subdivisão de Cultura e Património

NOTA DE EDIÇÃO:

A 41ª edição de “O Tomilho” assinala o programa cultural que aconteceu no período do Verão em Cacela Velha.

Na rubrica *Aconteceu...* damos conta das oficinas e passeios realizados em Julho e Agosto, promovidos pelo CIIPC.

A *Página do Artesão* é dedicada a Maria Isabel Noy, artesã de cestaria e empreita.

Nesta edição damos destaque à história da antiga fábrica de cerâmica que deu nome ao Sítio da Fábrica.

Na rubrica *Objectos com História* são apresentadas jarras e jarrinhas dos períodos islâmico e cristão encontrados em Cacela Velha.

A receita desta edição é do tempo da mãe de Arlete Gonçalves e foi partilhada pela sua filha.

Para terminar, publicamos uma lengalenga e adivinhas do nosso património oral e divulgamos as actividades que vão decorrer em Setembro e Outubro.

Boas leituras e até

... Novembro!

NESTA EDIÇÃO:

<i>Verão cultural em Cacela Velha</i>	1
<i>Aconteceu...</i>	2
<i>Página do Artesão</i>	4
<i>História e Arqueologia</i> <i>A fábrica de cerâmica do sítio da Fábrica</i>	5
<i>Objectos com História</i>	8
<i>Receita</i>	10
<i>Património Oral</i>	11
<i>Vai acontecer...</i>	12

O Tomilho

EDIÇÃO BIMENSAL
NÚMERO 41

SETEMBRO /
OUTUBRO
2022



SANTA RITA

Verão cultural em Cacela Velha



Cacela Velha foi palco de mais um programa cultural diversificado durante o período de verão.

Entre os dias 15 e 17 de Julho, aconteceram os **Concertos d'Encanto** num palco montado para o efeito no Largo da Forta-



leza. Sons de Marrocos, Síria, Guiné Conacri viajaram até Cacela Velha lembrando os tempos do Al-Andalus e a importância do diálogo cultural entre povos.

Dia 15 foi dedicado às músicas tradicionais do Magrebe e Médio Oriente com AL-MAQAM (Marrocos), dia 16 contámos com músicas e danças do Médio Oriente com o grupo WAYAM ENSEMBLE (Marrocos / Síria / Egipto) e a música de fusão afro-árabe interpretada por MUHSILWAN (Sudão / Marrocos / Guiné Conacri) esteve presente no último dia.



O Ciclo **Clássica em Cacela**, decorreu durante o mês de Agosto e foi dedicado ao século XX. Os primeiros 2 concertos realizaram-se na igreja da Nossa Senhora da Assunção, em Cacela Velha, nos dias 7 e

11 e tiveram uma excelente adesão. O primeiro dos músicos Pedro Ribeiro Rodrigues (Guitarra) (Violoncelo). O segundo do por Rui Mourinho (Guitarra) e João Lourenço (Flauta transversal).



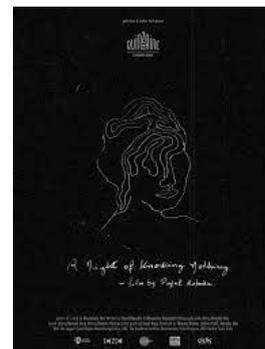
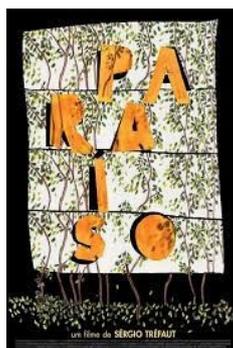
Nos dias 18 e 19 os concertos tiveram lugar na Ermida da aldeia de Santa Rita com a intérprete e mentora deste ciclo, a flautista Teresa Matias.



ACONTECEU...

VERÃO CULTURAL EM CACELA VELHA (CONTINUAÇÃO)

O Ciclo **Cinema na Rua**, parceira do Município de Vila Real de Santo António com o Cineclube de Faro, incluiu na sua programação para o concelho 3 sessões de cinema no Cemitério Antigo de Cacela Velha, com entrada gratuita, com a seguinte programação: 26 Julho, *As Andorinhas de Cabul* de Zabou Breitman e Eléa Gobbé-Mévellec (2019); 23 Agosto, *Paraíso* de Sérgio Tréfaut (2021) e 6 Setembro, *Noite Incerta* de Payal Kapadic (2021).



OFICINAS DE VERÃO - “HÁ VIDA NO JARDIM!”



Depois de um interregno de 2 anos sem oficinas de Verão na sequência da Pandemia Covid 19, o CIIPC voltou a receber 12 crianças e jovens durante 3 manhãs com o desafio de trabalharem o tema “Há vida no Jardim!” a partir de material reciclado e inspirados no *Jardim Representativo da Flora do Algarve*, na várzea de Cacela, e no jardim do CIIPC.

A partir de caixas de ovos, rolos de papel higiénico, latas, garrafas de plástico, meias, cartão e outros materiais, os pequenos artistas criaram flores, abelhas, joaninhas, camaleões, borboletas, ouriços, lagartas, caracóis, andorinhas, pássaros e muitas outras espécies, transformando o jardim do CIIPC num espaço com mais vida e diversidade. Houve ainda tempo para visitar o Jardim de Cacela Velha pela mão da sua mentora Teresa Patrício e as escavações arqueológicas do Poço Antigo, também em Cacela Velha.

Um agradecimento muito especial Liliana Gonçalves, artesã que colaborou com o CIIPC na preparação e dinamização das oficinas e à jovem Luana Brito que se voluntariou para ajudar as nossa crianças e jovens durante estas 3 manhãs.

No dia 18 de Agosto voltámos a realizar uma oficina com esta temática com meninas e jovens do Centro Bem-estar Social Nossa Senhora de Fátima, de Olhão.



CICLO PASSOS CONTADOS

“MUÇULMANOS E CRISTÃOS EM CACELA MEDIEVAL”

Realizou-se no dia 8 Julho mais um percurso Passos Contados desta vez sobre “MUÇULMANOS E CRISTÃOS EM CACELA MEDIEVAL”. A uma semana do terminus de uma nova campanha de escavações em Cacela Velha, os responsáveis científicos pelos trabalhos em curso, as arqueólogas Cristina Garcia (Direcção Regional de Cultura do Algarve), Maria João Valente (Universidade do Algarve), o antropólogo físico Hugo Cardoso (Simon Fraser University do Canadá) e Patrícia Dores (Câmara Municipal de Vila Real de Santo António) partilharam os resultados e reflectiram sobre a presença de muçulmanos e cristãos na Cacela Medieval com cerca de 40 participantes. Dia 11 de Julho houve ainda o dia aberto nas escavações arqueológicas do sítio do Poço Antigo com cerca de 35 visitantes.



“ALFARROBA. ANTIGAS TRADIÇÕES E O FUTURO”



Realizou-se dia 21 de Agosto, pelas 7h da manhã, com o nascer do sol, mais um passeio do ciclo Passos Contados, sobre a alfarroba. Neste percurso entre Santa Rita e o sítio das Areias, pretendeu-se chamar a atenção para a importância da preservação e valorização do tradicional pomar de sequeiro. Durante o varejo e a apanha da alfarroba, conversámos sobre antigas tradições ligadas a este fruto, sua importância na economia Algarvia e perspectivas de futuro para aquele que tem sido chamado “o ouro algarvio”. O nosso agradecimento a João Sol, que nos acolheu nas suas terras, pela sua partilha de antigos saberes, conhecimentos e reflexões.



PÁGINA DO ARTESÃO

Isabel Noy, cesteira e artesã de empreita



SOBRE O SEU TRABALHO

Para a concepção dos cestos, Isabel Noy utiliza cana verde que pode ser apanhada em qualquer altura do ano, à semelhança do que fazem os artesãos de Alta Mora. Depois de apanhada, é pelada e rachada com uma navalha, o seu único instrumento de trabalho.

A partir daí, a cana está pronta a ser usada. Começa por preparar o fundo dos cestos com as canas mestras, passa depois à concepção das paredes da cesta tecendo-as posteriormente com os gatos, ripas de cana mais fina. No final, aplica o debrum e, se for caso disso, termina com a haste.

Para a empreita, apanha palma também em qualquer altura do ano, seca-a e depois realiza os seus trabalhos aplicando a sua própria técnica, com base com o que aprendeu com o Sr. Custódio, um artesão de S. Brás de Alportel.

NOTA BIOGRÁFICA

Isabel Vaz Noy nasceu em Alta Mora, Concelho de Castro Marim, em 1958, no seio de uma família de cesteiros. Reside actualmente nas Hortas, em Vila Real de Santo António.

Desde que se recorda, conhece a arte de fazer cestos. No entanto, é depois de terminar o ensino primário, com 10 anos, que recebe pela primeira vez o valor de 20 escudos pela confecção de *banastras*, pequenos cestos que serviram para colocar galinhas de figo.

Aos 12 anos torna-se trabalhadora agrícola e deixa de fazer cestaria retornando a esta arte mais tarde, já depois de ser mãe, ainda que em complemento às suas outras actividades profissionais (trabalho agrícola, limpezas, ...).

Há cerca de 15 anos atrás começa a dedicar-se exclusivamente à cestaria e mais recentemente à empreita. Vende nas feiras e mercados de Tavira, VRSA e Loulé.



Contacto: 968067924

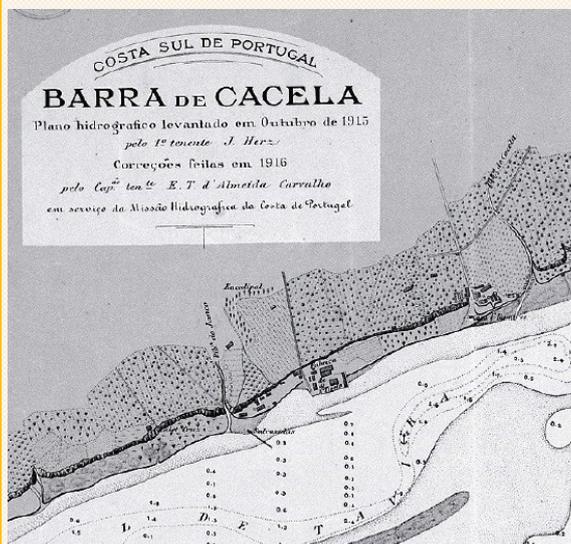
atelierwhitesheep.com

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

A FÁBRICA DE CERÂMICA DO SÍTIO DA FÁBRICA

No final do século XIX e início do século XX, assiste-se a uma melhoria das condições de navegabilidade na barra de Cacela por onde se estabelecia, então, o acesso marítimo ao porto de Tavira. A valorização dos frutos secos (amêndoa, figo, alfarroba, etc.), e um certo crescimento da pesca com embarcações de tamanho médio e com facilidades de descarga, irão promover o desenvolvimento do comércio marítimo no porto de Cacela. Relevante neste contexto foi também a implantação de uma fábrica de tijolo e telhas, junto à ria, duzentos metros a poente de Cacela, que está na origem de um pequeno aglomerado de estrutura incipiente, correspondente ao actual Sítio da Fábrica. (BATISTA e COSTA, 2015 – 2016.) Esta indústria tinha um pequeno cais que permitia o escoamento, pela Ria Formosa, do material cerâmico produzido.

A carência de materiais de construção (pedra) levou o Algarve a investir na produção cerâmica, sobretudo no século XIX de forma a tornar-se independente do resto do país. Existiam fabricos manufactureiros e industriais em Lagos, Loulé, Faro e Tavira. Naquele tempo, a fábrica de Cacela foi uma das mais importantes do país na produção de material cerâmico para construção, com a vantagem de ter uma jazida de matéria-prima junto do estabelecimento. (CÚSTODIO, 1998).



É esta unidade fabril que acabará por dar nome ao pequeno aglomerado pesqueiro, a poente de Cacela Velha, cujo topónimo é Fábrica. Quer a designação, quer o aglomerado populacional são recentes, como atesta a cartografia antiga. Uma carta corográfica publicada em 1893, não regista ainda o topónimo nem o aglomerado populacional. Já em 1916 o Plano hidrográfico da Barra de Cacela de J. Hertz regista o topónimo, a fábrica e um aglomerado de habitações junto à ria.

Excerto de Plano hidrográfico da Barra de Cacela de J. Hertz, 1916. (Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal)

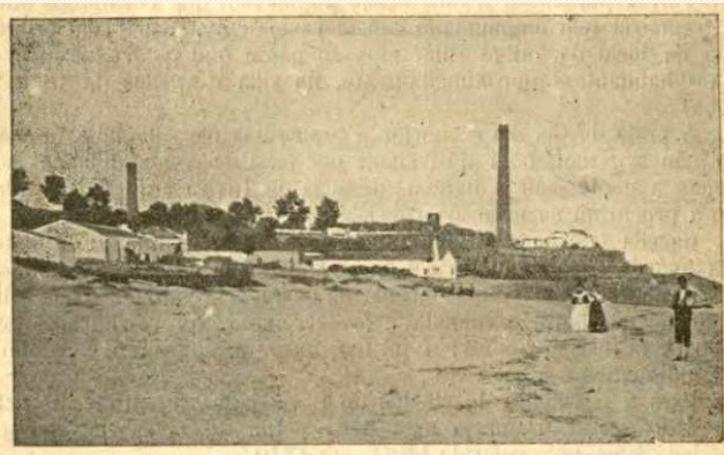
Fundada pela “Companhia Algarviense para exploração dos produtos das artes cerâmicas” em 1889, localmente conhecida com “Fábrica dos Ingleses”, laborou entre 1892 e cerca de 1930, após a compra dos direitos (aquisição da tecnologia, máquinas e moldes) à firma inglesa Clayton & Cie, cuja marca surge impressa em alguns dos materiais recolhidos à superfície. Ali se produziram tijolos (burro, prensados, furados), telhas (de canudo, marselha; manuais e à máquina), manilhas (de várias dimensões e diâmetros) e, possivelmente, ladrilhos, balaustres e algumas loiças, aproveitando os barreiros que se localizavam na falésia, por trás (a norte) do local onde a fábrica se implantou.



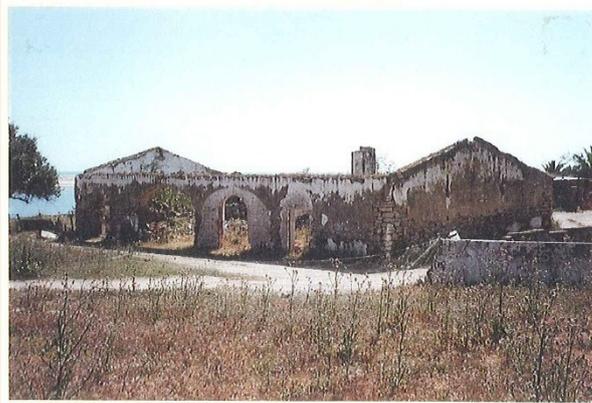
As argilas identificadas por Charles LePierre (1899), extraídas da Formação Cacela, seriam de dois tipos, tendo em conta as suas diferentes plasticidades e composições: uma amarela, de maior valor e por isso mais apreciada, e que, depois de calcinada, ganharia uma cor castanho-alaranjada, e outra vermelha escura, denominada da Barrada que se tornaria vermelha, igualmente alaranjada.

A estrutura fabril, edificada na lógica da arquitectura tradicional algarvia, com paredes em alvenaria de pedra e de tijolo, seria constituída por vários elementos. Um estudo na área da arqueologia industrial realizado em 1998 por Jorge Custódio, quando ainda subsistiam vestígios arquitectónicos (em ruína) e ainda recorrendo à memória oral de uma das últimas pessoas que trabalharam nesta unidade, ajudou a reconstituir a sua organização.

No edifício da casa de motores estavam localizados a máquina a vapor e as caldeiras. Ali perto, quatro fornos: um Hoffman contínuo com dez câmaras e chaminé central, dois circulares de cone de tiragem central e um para vidrar. Havia ainda uma oficina de trituração e moenda, onde se trabalhava por meios mecânicos, com água proveniente de um açude; uma oficina de moldagem, de tipo mecânico; e a zona de secagem. Para lá destas estruturas haveria ainda a residência do director; e um molhe/paredão utilizado no escoamento da produção realizado através de pequenas embarcações que atravessavam a Ria e carregavam depois os barcos de maior porte.



Fotografia de 1903 em *Almanach do Algarve*.



Fotografias da década de 90 do Séc. XX em CUSTÓDIO, J. (1998): *Fábrica de cerâmica de Cacela: parecer técnico*.

Apesar das dificuldades iniciais de arranque da actividade (custos de instalação superiores ao esperado; falta de vigor na direcção técnica e de consumo e crédito da produção; problemas no escoamento dos produtos), sabe-se que mais tarde foi possível superar estas limitações.

Em 1908 Ataíde Oliveira escreve na sua Monografia de Vila Real de Santo António “*Como já informámos, há aqui olarias e uma fábrica de telha franceza ou de Marselha, que, no princípio deu grandes lucros à Companhia de Cerâmica, que a fundou. Esta fabrica fica pertíssimo do mar. Espalhou-se depois que os produtos da fabrica era de ruim qualidade, e a sua procura tornou-se menos intensa. Por ultimo a Companhia acabou com a exploração e arrendou a fabrica a um individuo de Tavira. Actualmente empregam-se ali uns 5 homens.*”

Na verdade, como escreve Ataíde Oliveira, foi a fama do carácter salitroso dos produtos, que motivou os administradores a cessarem a produção e a arrendar a fábrica a particulares, primeiro a um tal de José Afonso (que segundo informações orais ainda terá trabalhado a cerâmica de forma manual), e depois a Francisco Rosa, que converteu o espaço fabril em terreno de lavoura. A demolição dos fornos deve datar desta fase (cerca de 1940-50).

Jorge Custódio em 1998 teve ainda ao privilégio de registar as memórias orais de uma octogenária residente na Fábrica (Claudina Maria Matias, então com 83 anos de idade) que aos 15 anos entrara como assalariada na “fábrica dos Ingleses” e assistira ao seu encerramento já nos anos 30. Uma fonte importante para compreender os últimos anos de laboração desta unidade fabril.



A progressiva ruína dos edifícios veio a dar lugar, na primeira década do século XXI, a uma imponente casa de habitação cuja construção destruiu por completo os já poucos vestígios materiais que restavam dos vários elementos edificados. Actualmente só subsistem vestígios do cais.



Referências bibliográficas e cartográficas

BATISTA, Desidério e COSTA, Miguel Reimão, “História, paisagem e arquitectura: a antiga vila de Cacela no contexto do Algarve Oriental” in *PROMONTORIA*, Ano 12, Número 12, 2015 – 2016.

CUSTÓDIO, Jorge (1998), *Fábrica de cerâmica de Cacela: parecer técnico*. Policopiado.

OLIVEIRA, Ataíde (1999 – 1ª edição de 1908), *Monografia do Concelho de Vila Real de Santo António*, Algarve em Foco Editora, Faro.

REIMÃO, M., BATISTA, D. (2013). Contribución al estudio del patrimonio de Cacela: cartografía, arquitectura y paisaje en el contexto del algarve oriental en Portugal. En *Apuntes 26* (1): 62 - 77.

Plano hidrográfico da Barra de Cacela de J. Hertz, 1916. (Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal)

OBJECTOS COM HISTÓRIA

Jarras e jarrinhas de Cacela Velha

O inventário, estudo e catalogação da cerâmica islâmica de Cacela mostra uma variedade de peças cerâmicas que serviam as actividades domésticas diárias dos habitantes do bairro islâmico e da alcáçova (largo da fortaleza). Neste espaço “Objectos com história” fazemos referência a jarras e jarrinhas, inseridas na louça de mesa.



Estes recipientes serviam para deles se beber directamente, tarefa facilitada pela presença de duas asas, ou simplesmente conter líquidos para levar à mesa, como água, chás e outros. Marcas de fogo nas superfícies das peças indicam que a sua utilização ao fogo era frequente. No caso das jarrinhas de Cacela essas marcas verificam-se sobretudo em fragmentos com semelhanças formais à peça n.º 1, cuja base convexa permitia o encaixe nas brasas do fogareiro ou na lareira da cozinha.

Apesar do grande número de fragmentos associados a este tipo de peças, poucos são os exemplares completos e semi-completos da colecção de jarras e jarrinhas de Cacela, contudo apresentamos um conjunto de cinco peças que primam pela diferença formal deste tipo de peças, com a mesma função para o período islâmico e cristão (peça n.º 5). De referir que os exemplares de barros alaranjados (peças n.º 1, 4 e 5) poderão ser peças de produção local, devido aos barreiros existentes no território e à tradição oleira desde época romana (Manta Rota) até ao século passado, como foi o caso em Santa Rita. O exemplar número três, pela sua forma e fabrico requintado, poderá ter sido adquirido noutra local do Gharb al – Andalus. O exemplar número dois pode ter sido uma tentativa de imitação de uma peça que fazia parte da rede de comércio de cerâmica e que um oleiro de Cacela imitou, mas sem sucesso no motivo decorativo, como abaixo é referido.

Peça n.º 1



A jarrinha número um foi recolhida na Casa I, no compartimento da cozinha do bairro islâmico. De pasta alaranjada, corpo globular e colo cilíndrico conserva-se quase na sua totalidade. Está decorada com linhas incisas na zona do lábio e do bordo. Peça de uso comum na louça de mesa, com dupla função, de levar líquidos à mesa ou ir ao fogo para aquecer água ou outro género de líquido. É uma peça de referência nos sítios arqueológicos da primeira metade do século XIII, encontrando-se paralelos em Mértola, Silves, Saltés e Huelva em Espanha. O diâmetro da boca é de 90 mm e tem 153 mm de altura.

Peça n.º 2

A jarra de pasta clara é um exemplar único em Cacela. Apesar de não se conservarem elementos do colo, podemos aferir que seria alto e estreito, o corpo é globular e conserva o arranque de duas asas



que terminariam no colo. A sua particularidade centra-se no elemento decorativo a verde na zona do colo, interpretado como cordão da eternidade, que apresenta algumas imperfeições, devido talvez ao processo de cozedura. O simbolismo do cordão da eternidade está relacionado com a continuidade, a vida. Assume também uma conotação mágica protectora contra os maus espíritos e as doenças. Um exemplar parecido foi encontrado no castelo de Salir em Loulé. O diâmetro da base é de 82 mm e a altura 178 mm.

do no castelo de Salir em Loulé. O diâmetro da base é de 82 mm e a altura 178 mm.

Peça n.º 3



O exemplar número três de jarrinha de pasta alaranjada clara, evidencia-se pela sua forma requintada e particular funcionalidade. Apresenta corpo bitroncocónico, asas de cordão duplo e colo estreito. É de lamentar a não existência de elementos da boca e da base, o que sem dúvida daria uma visão mais clara desta forma. Apesar disso é possível estabelecer paralelos com outros sítios arqueológicos portugueses como Silves e Mértola. Altura 105 mm.

Peça n.º 4



No conjunto das jarrinhas de pastas alaranjadas, destaca-se esta de menor dimensão. Quando se pega nesta peça percebemos a sua fragilidade pela diminuta espessura das suas paredes (2 mm), similar a casca de ovo. Teria esta peça servido para beber directamente dela ou simplesmente foi utilizada como objecto decorativo? Seria uma peça que o oleiro possuía para servir de modelo aos compradores, ou uma peça que resultou mal no seu processo de elaboração? Um aspecto interessante é a base convexa da peça que a faz descair para o lado. Imaginemos esta peça com água, será que suportava o

liquido? Resistiriam as suas asas a tamanho peso? Altura 105 mm.

Peça n.º 5



O exemplar de jarrinha CV/FC/07/832, é único em Cacela, e de momento não foram identificados paralelos noutros sítios arqueológicos. É de salientar a sua base cilíndrica e plana que a distingue das típicas jarrinhas islâmicas, podendo ser uma peça produzida nos finais do século XIII ou início do século XIV. A particularidade desta peça reside na decoração de uma faixa na zona do corpo com incisões feitas possivelmente com um pauzinho de madeira ou um punção em metal. As duas asas teriam como arranque a zona do colo (possivelmente cilíndrico) e terminam na zona a meio do corpo. Esta peça, como a jarrinha (peça n.º 4), não poderia conter muito liquido, como é o caso da água. Seria uma peça destinada a conter um liquido “especial” em pouca quantidade, devido também à sua dimensão reduzida. O diâmetro da base é de 53 mm, altura 115 mm.

do da água. Seria uma peça destinada a conter um liquido “especial” em pouca quantidade, devido também à sua dimensão reduzida. O diâmetro da base é de 53 mm, altura 115 mm.



Frango caseiro com couve lombarda, receita de Maria do Carmo Silva (Mãe de Arlete Gonçalves)

A família de Arlete Gonçalves, residente em Santa Rita, tinha horta e animais de capoeira. Para a confecção do prato, Maria do Carmo matava uma galinha ou frango da capoeira e utilizava as hortaliças da sua horta. Este prato foi sempre muito apreciado pela família e ainda hoje se faz na casa desta família.

INGREDIENTES

- Frango ou galinha caseira
- 1 couve lombarda
- Alhos e cebolas
- Louro, pimenta, sal e salsa
- 1 copo de vinho branco
- Azeite
- 4 ou 5 tomates



Preparação

- Tempera-se o frango/galinha aos bocados com sal, alguns alhos, folha de louro, pimenta e o vinho branco e deixa-se marinar algum tempo.
- Num tacho, de preferência de barro, coloca-se o azeite, a cebola, os restantes alhos e deixa-se refogar.
- Junta-se o frango/galinha com a marinada e deixa-se cozer.
- Acrescentam-se os tomates aos pedaços sem sementes e deixa-se cozinhar até ficar bem macio.
- Junta-se o preparado no meio do tacho e à volta coloca-se a couve lombarda cortada às fatias continuando a cozer tudo em lume brando. Se for necessário, junta-se um pouco de água a ferver.
- Rectifica-se o tempero e termina-se a cozedura.

Bom apetite!

PATRIMÓNIO ORAL

Lengalenga

Pim blim blim quem está lá dentro
 Está uma velha a amassar fermento
 Faz-me um bolo
 Não tenho sal
 Vai buscá-lo
 Não sei onde
 À casa do Conde
 O Conde é morto
 Quem o matou?
 Foram as pedras
 Qu'ê das pedras?
 Estão na água
 Qu'ê da água?
 Beberam os bois
 Qu'ê dos bois?
 Andam debulhando o trigo
 Qu'ê do trigo?
 Comeu a choca
 Qu'ê da choca?
 Está pondo os ovos
 Qu'ê dos ovos?
 Comeu o frade
 Qu'ê do frade?
 Foi à missa
 A cavalo de uma cortiça
 A cortiça deu um berro
 Toda a gente se assustou
 Só a velha é que ficou
 Enrolada num capacho
 Foi levá-la à beira do juiz
 O juiz não a quis!
 Xona para o nariz do juiz.



A lengalenga é um texto transmitido de geração em geração, constituído por palavras que geralmente rimam e com muitas repetições, conferindo-lhe um carácter musical que facilita a rápida memorização.



Lengalenga dita por João Sol Pereira nascido em Vila Nova de Cacela em 1985. Ouviu à sua avó Rita Sebastiana nascida no sítio das Cevadeiras, Vila Nova de Cacela.



VAI ACONTECER...

EXPOSIÇÕES

“PROFISSÕES ANTIGAS DE CACELA”

CIIPC /CMVRSa

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Horário

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00 – 17h00

“OLHARES SOBRE O PATRIMÓNIO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO”

Pintura e gravura pelos alunos do Agrupamento de Escolas VRSA

[Professores Carla Mourão e Elias Nunes]

10 de Outubro a 25 de Novembro

CIIPC/CMVRSa

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Horário

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00 – 17h00



PASSOS CONTADOS

Passeios pedestres de interpretação da Paisagem

A UVA, A VINHA E A PRODUÇÃO ARTESANAL DE VINHO EM CACELA

Com o Engenheiro David Santo e o produtor Luís Augusto Rosa

17 Setembro (Sábado)

Ponto de encontro: 09h30 em Santa Rita

A CARTA TOPOGRÁFICA DE SANDE VASCONCELOS, ESTRUTURA FUNDIÁRIA E ACTIVIDADES ECONÓMICAS NA CACELA DE 1775

Com o geógrafo Manuel Rato

9 Outubro (Domingo)

Ponto de encontro: 9h30 em Cacula Velha

OFICINAS (sujeitas a inscrição prévia)

VASSOURAS EM PALMA, no âmbito das Jornadas Europeias do Património - Património sustentável

Com a artesã Albina Sequeira

24 Setembro (Sábado), das 15h às 18h

Para público em geral a partir dos 12 anos

Valor: 7,5 €

“VAMOS LAVAR A LOUÇA?”

Oficina de lavagem, identificação e funcionalidades dos “cacos”

22 de Outubro (Sábado), das 15h às 18h

Para público em geral e comunidade local

Gratuito mas sujeito a inscrição prévia

MERCADINHO DE OUTONO

Mercadinho de artesãos, produtores alimentares e

artigos de 2ª mão/velharias

Cacula Velha

2 de Outubro (Domingo), das 10h30 às 17h30

CIIPC/CMVRSa e ADRIP



Algumas adivinhas...

Toda a gente a pode ver e causar,

Mas ninguém a pode tocar.

Só a faz quem a já tem

Quem a não tem não a faz.

Se a tem pode não a fazer;

Se a fizer já não a faz.

Qual é coisa,

qual é ela,

Que está nos altos pendentes

E quando se ri,

caiem-lhe os dentes?

Soluções:

Sombra; A pinha

Adivinhas recolhidas no âmbito do projecto “À descoberta das 4 cidades”, publicadas em **De boca a orelha. 365 Tesouros do Património Oral das 4 cidades.** 2018



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Divisão de Cultura e Educação/ Subdivisão de Cultura e Património

Coordenação e redacção:

Centro de Investigação e Informação do Património de Cacula

Colaboração: Arlete Fernandes, João Sol, Maria Isabel Noy

Contactos:

Tel: 281 952600

Email: ciipcacela@gmail.com

Facebook: CIIP CACELA